

MARGINÁLIA



por Castelo Branco Chaves.

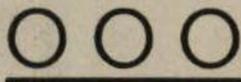
E HRENBURG que entre os modernos escritores russos se me afigura um dos mais bem dotados não só de talento literário mas de espírito crítico também, aquele, talvez, dos escritores da nova Rússia que se apresenta mais influenciado e seduzido pela arte e cultura francesas, Ehrenbourg, num pequeno ensaio crítico, onde não faltam observações sagazes e subtis, estigmatiza a literatura europeia contemporânea de decadente e decrépita. Bellicosamente, toma como alvo uma afirmação de J. Ricardo Bloch. «João Ricardo Bloch diz que a literatura francesa contemporânea é pobre porque o mundo novo apenas conta quinze anos. Para êle é durante os anos da guerra que se dá o advento dos novos tempos. Afigura-se-me que não tem razão e que a literatura contemporânea não sofre de sarampo, mas de esclerose. Êste trecho é de 1933. Em 1932, Ehrenbourg marcara embora fugidamente, a causa desta esclerose: — o afastamento da literatura dos interesses e das realidades humanas.

Nesta «deshumanização» está, de facto, uma das características da literatura do nosso tempo e uma das causas profundas da sua fraqueza. Deshumanização nos seus mais variados e múltiplos aspectos: — egoísmo, subjectivismo absoluto, intuicionismo predominante, falta de medida e harmonia, a-racionalidade, numa palavra. Não é êste, devo dizê-lo, o ponto de vista de Ehrenbourg que, apóstolo de uma nova fé, tudo sujeita, tudo considera e tudo resolve com os dogmas da sua fé. A nós, porém, que não somos professos em nenhuma religião, cumpre-nos vêr as coisas na sua mais íntima contextura e essa julgamos encontrar-se justamente na a-racionalidade que apontamos. «Mas a verdade é que um conceito que não é justo nem fundado sôbre a natureza das coisas, escreveu o velho Verney, não pode ser belo: porque o fundamento de todo o conceito engenhoso, é a verdade: nem se deve estimar algum, quando não se reconheça nêle vestígio de bom juízo». Ora a deshumanização da arte con-

temporânea provém da ausência de justeza nos conceitos e de fundamento natural nas suas representações. Provém ainda e conseqüentemente da sua sujeição a certas ortodoxias que, privando-a de função crítica, a despojam do seu eterno valor revolucionário e humano. Porque só o espírito crítico é verdadeiramente humano, porque só êle satisfaz à radical insatisfação dos homens e porque a arte sendo o instrumento mais poderoso da continua revolução que representa a marcha do espírito humano, só êle, o espírito crítico, é verdadeiramente revolucionário.

«A arte que se submete a uma ortodoxia, mesmo que ela fôsse a mais sã de tôdas as doutrinas, está perdida, escreveu Gide no seu recente livro *Retour de l'U. R. S. S.* e, por isso, até certo ponto, o livro de Gide se pode opôr como uma resposta ao livro de Ehrenbourg, (1) opondo-se nêles dois conceitos de cultura: o de Gide, o verdadeiro, o radical e eternamente humano e o do escritor russo — o insubsistente, o infantil, onde predomina o entusiasmo, a exuberância, é certo, mas que se caracteriza por uma feição apologetica, anti-crítica, que é a negação da própria cultura. A cultura é inconformista e só verdadeiramente se liga às mais profundas realidades humanas quer do presente, quer, principalmente, do futuro, na medida em que, não servindo modalidades transitórias do gosto ou da opinião, mais luta contra tôdas as imperfeições das realizações humanas, afirmando e exigindo sempre um mais absoluto bem, uma mais verdadeira verdade, uma mais perfeita justiça, uma mais transcendente liberdade. Ê êste inconformismo que garante o progresso humano e torna a humanidade o centro moral do universo e a sua expressão racional. Ê lei da cultura não respeitar mais que a sua própria essência: — a liberdade e, não esqueçamos, que a condição da liberdade é não sofrer condicionallismos.

(1) *Vus par un écrivain D'U R. S. S.*



Êste jornal é um trabalho sério de gente nova.